



O Osman Lins que conheci

Alfredo Bosi¹ (USP)

À medida que o tempo passa, vai crescendo a corrente das lembranças. Creio que está chegando o momento em que o nosso próprio pensamento será feito de memórias e tudo será, como dizia Marx, história. Lembrar, e lembrar cada vez mais, parece especialmente apropriado aos que envelhecem. Mas percebo, a esta altura da vida universitária, que o decorrer dos anos também leva as instituições a olharem para trás e fazer do seu passado matéria assídua de lembrança e reflexão. Chegará provavelmente o dia em que não faremos senão comemorações, tal será o número e o peso do passado que nos caberá transformar em presente.

Faço essas considerações não por acaso, mas porque – tendo hoje combinado com a organizadora deste evento, a professora Sandra Nitrini, estar aqui e dar o meu depoimento pessoal sobre o escritor e amigo Osman Lins, devo, daqui a poucas horas comparecer à sessão de homenagem de outro grande intelectual nordestino que nos deixou faz poucos dias, Celso Furtado, também amigo dileto, apesar da diferença de idade que nos separava – lembrar torna-se, às vezes reviver, como diz a expressão corrente, mas também morrer um pouco.

Conheci Osman Lins no começo dos anos 1970. Não saberia precisar a data, mas tenho presente a sua imagem e a impressão de um homem grave e irônico que recebi no primeiro encontro que tivemos em casa de José Paulo Paes e Dora. Os que conhecem a salinha em que o casal acolhia os amigos, quase todos escritores ou leitores apaixonados,

sabem que tudo lá era, e ainda é, apesar da ausência do poeta, um porto livre onde a conversação fluía e podia tomar os rumos mais inesperados, indo e vindo da poesia à política, da ficção mais refinada à história em quadrinhos e a telenovela.

Nesses encontros a opinião podia ser franca, pois o respeito mútuo e o clima de cálida amizade tudo aceitavam, trazendo as diferenças antes um estímulo do que um confronto. O motivo de acesa discussão era o grau de relevância que se deveria dar ao trabalho da forma literária, na elaboração da narrativa.

Osman, que cultivava a palavra justa até o limite do preciosismo, tudo medido por um gosto fino nos matizes de vocabulário, senhor que era do verbo, mostrava-se reticente, para não dizer desdenhoso, quando falávamos de narradores ou dados para a representação da oralidade popular, um João Antônio, por exemplo, que José Paulo e eu admirávamos calorosamente.

É verdade que eu mais me calava do que entrava na discussão, com receio de dar à conversa um tom professoral. Ele me via sempre como um doutor da USP. Que fazer? Mas José Paulo, que amava a polêmica literária, com amor de paixão, pois era escritor até a medula da alma, não largava a discussão pelo meio e não sossegava enquanto não provasse que a poética de João Antônio, perfeitamente justa em face do seu assunto, era necessariamente diversa da poética de Osman Lins, saturada de escolhas estéticas, de metalinguagem, e naquela altura bastante afetada pelos valores de estrutura, de plano, de rigor, como se pode constatar acompanhando os esquemas narrativos quase matemáticos de *Nove, novena* e, sobretudo, de *Avalovara*.

A discussão em torno de João Antônio puxava a prosa para o campo ideológico, e aí, novas oposições. José Paulo, que defendia a oralidade do boêmio dos subúrbios paulistas, era, ao mesmo tempo, um dos muitos ex-comunistas profundamente desencantados com a ortodoxia partidária, à qual tinha aversão, conhecendo a fundo os males que a patrulha stalinista causou no terreno das letras em toda a parte do mundo. Osman, que por sua vez não escondia traços de fidalgo pernambucano, até no paladar, tinha horror à palavra e ao gosto do nosso quentão caipira das festas juninas. “Quentão?”, dizia ele... “como se pode gostar disso? até a palavra é grosseira”. Assumia, no entanto, uma posição rígida de esquerda, preferindo sempre bater na tecla da perversidade do mercado editorial e das manobras capitalistas.

Ouvindo esses homens de fino tato defender teses radicais, aprendi mais uma vez que os intelectuais não são seres simples e homogêneos, e que é preciso tempo e tato para conhecê-los.

O fato é que João Antônio não era apenas o criador inimitável de Paulinho Perna-torta e outros ases da malandragem; era o admirador incondicional do nosso maior boêmio anarquista da literatura brasileira: Lima Barreto. E não é que Osman Lins acabou se interessando pelo narrador desalinhado e nada canônico do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que resolveu fazer-lhe uma tese de doutorado direto, ainda então facultada até aos não graduados em Letras? Osman só precisava da anuência de um orientador da área de Literatura Brasileira; por acaso, eu mesmo.

Não é preciso dizer que Osman não precisava de um orientador, no sentido forte do termo, quando muito de um interlocutor. Fiz esse papel com prazer. O autor me encantava, naturalmente. Quanto ao tema, Osman acabou escolhendo um aspecto que a leitura estrutural daqueles anos e as suas próprias preferências pelo *Nouveau Roman* o aconselhavam a explorar, *O espaço na obra de Lima Barreto*. A tese foi defendida na Faculdade de Letras de Marília (SP), que o contratara a título excepcional, como se faz com um professor visitante que é, acima de tudo, um escritor. O livro faz parte da Coleção Ensaio, editado pela Ática.

Para ser exato, lembro-me de uma única sessão de orientação, ou melhor, de conversação. Foi em minha casa e durou muitas horas. O estruturalismo estava, no começo dos anos 1970, no seu auge. O mesmo ocorria com o *nouveau roman*, que se desejava objetivo e, sobretudo, rigoroso, planejável, ordenado segundo certos padrões de racionalidade semântica, como bem o sabem Leyla Perrone Moisés e Sandra Nitri, especialistas nessa área. Mas felizmente esses padrões ficaram quase sempre no papel. Estava no ar a exigência da teoria, ou seja, de parâmetros conceituais, da relação íntima da retórica com a poética.

Entretanto, o que é que saiu dessa nossa relação intensa, embora breve, entre um grande escritor e um modesto professor de Letras? Saíram coisas inesperadas. Deixemos de lado a tese. Enquanto eu comentava animadamente a situação da crítica universitária com ele e destilava minhas ironias sobre a atitude ferina de alguns docentes que fora da USP nos alfinetavam, chamando-nos de historicistas e conservadores, Osman ia anotando na cabeça não as minhas palavras, mas traços de uma personagem, levemente estilizada num tal

professor de literatura na PUC, que ele muito malandramente chamou de “A.B.”. Vejam que traição! Cuidado com os escritores, que fingem estar prestando atenção ao conteúdo de nossas palavras, mas estão desenhando uma personagem e têm o desprazer de introduzi-la em sua ficção, sem nos pedir licença. Juro que não tenho nada a ver com aquele ali.

Depois que eu havia gastado todo o meu latim, dissertando sobre crítica e poesia – eu estava escrevendo um livro sobre poesia –, Osman me dizia: “Acho incrível que vocês professores falem tanto e tanto e não escrevam em nada. Sou homem da palavra escrita. Escreva tudo isso em vez de falar tanto”. Eu não seguia o conselho dele, felizmente.

Termino este breve depoimento com três lances, *a priori*, que envolvem minha lembrança de Osman. Nesse mesmo início dos 1970, eu estava recolhendo material para compor uma antologia do conto brasileiro contemporâneo. Osman Lins não poderia, absolutamente, faltar. Tomei-me coragem e escrevi-lhe uma carta pedindo que me autorizasse a reproduzir nada menos que o “Retábulo de Santa Joana Carolina”, de *Nove, novena*, e ele, generosamente, prestantemente, me concedeu a autorização. Assim, junto a textos de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenho a alegria de ver aquela novela, absolutamente admirável, que Anatol Rosenfeld considerava um dos mais belos cantos jamais devotados por um escritor nordestino ao povo da sua terra, flagelado por poderes impiedosos, tanto naturais como humanos.

Um segundo episódio. No começo do seu trabalho de doutoramento, Osman me passou projeto de tese. Por distração, eu deixei-o no meio de trabalhos de aproveitamento dos meus alunos de pós-graduação. Minha mulher, muito curiosa, viu sobre a escrivaninha o texto, e não sabendo de quem era, dizendo que não tinha nota, me chamou a atenção, admirada: “Mas você tem um aluno de enorme talento! Escreve tão bem e ainda não lhe deu dez com louvor?”. “Não é trabalho de aluno”, respondi, “é o projeto do Osman”.

E a última lembrança, que ao mesmo tempo me honra e me deixa frustrado. Quando fui ao apartamento de Osman e Julieta de Godoy Ladeira, ele levou-me ao seu quarto e, assim, com ar um pouco misterioso, abriu a portinhola do seu criado-mudo; eu fiquei meio constrangido com essa intimidade. Abrindo a portinhola mostrou-me um quadro, com as letras que formavam o seu plano de escrita de *Avalovara*, a famosa “sator arepo tenet opera rotas”, que é a base do seu plano que pode ser lida de trás para diante, de baixo para cima, diagonalmente, como todos conhecem muito bem. Estava lá, no seu criado mudo; não era nem na cabeceira, era ao lado, para que ele pudesse abrir a qualquer momento. Eu senti que

ele estava me mostrando o seu tesouro, que era o plano de *Avalovara*. Eu vi que ele estava tomado pela ideia de plano, de plano rigoroso, e até do número de páginas e de parágrafos que cada item do plano deveria comportar. Conversamos um pouco, eu mostrei admiração pela precisão da estrutura, e não mais voltamos ao assunto.

Dias depois, recebi um telefonema de Julieta dizendo que o romance já estava pronto, na editora, e só faltava o prefácio, que Osman desejava que eu fizesse. Assim, ao mesmo tempo lisonjeado mas receoso de não estar à altura da empreitada, recusei, constrangido, embora alegando a verdade; isto é, a minha perplexidade em face de um romance tão cuidadosamente elaborado e que levaria tempo para eu assimilar, e mais ainda, prefaciá-lo. Julieta entendeu os meus escrúpulos e imediatamente pediu ao professor Antonio Candido que fizesse aquela tarefa, e ele, com a sua prestante gentileza e versatilidade, cumpriu, para a glória de Osman. E a gente pode dizer, para a glória de ambos.

Acho que o caso do prefácio deveria sim acabar como acabou, pois em um parecer que Antonio Candido redigiu sobre o romance, e que eu tive a oportunidade de ler, vi de relance uma apreciação do crítico, afirmando que nada tinha sido escrito de melhor depois da obra de Guimarães Rosa.

¹ **Alfredo BOSI. Prof. Dr.**
Universidade de São Paulo
Academia Brasileira de Letras
abosi@usp.br

Depoimento apresentado no "Colóquio Osman Lins – literatura, teatro e ensaio", ocorrido nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2004, FFLCH/USP. Transcrição de Thaís Nazaré da Silva; edição e preparação de texto de Nelson Luís Barbosa.

Recebido em 01/06/2014

Aprovado em 20/06/2014